

Vender Jornal: trabalho e militância perseguidos na memória dos camponeses

ENILCE LIMA CAVALCANTE DE SOUZA*

Sobre Terra Livre

O jornal *Terra Livre* foi editado em São Paulo durante as décadas de 1950 e 1960, desmantelado pelo golpe militar de 1964, por ter em sua direção o PCB. Uma de suas principais dificuldades era, justamente, o desafio de propor estratégias de difusão da imprensa dos trabalhadores no campo, superando impasses, como a baixa escolaridade, o analfabetismo e o baixo poder aquisitivo dos camponeses.

O jornal *Terra Livre* é destacado como expressão das idéias de intelectuais e militantes comunistas, referentes tanto à Questão Agrária como aos aspectos da realidade social contemporânea em âmbitos locais, nacionais e internacionais¹. A produção desse veículo de comunicação, no entanto, mostra que a colaboração e inserção dos camponeses se dá de forma direta: cartas, notícias, artigos, entre tantas outras colações. Neste caso, a dimensão militante do periódico é realçada em sua característica de arregimentação - de exemplo para a luta - via esforço doutrinal e pedagógico do público-leitor e de seu envolvimento em todas as esferas da produção e circulação do jornal dos trabalhadores do campo.

O esforço e as estratégias, na prática, viabilizaram a difusão do jornal e a organização camponesa, em Congressos e Encontros, em atas de reuniões de associações e sindicatos, palestras e campanhas, pelo incentivo à criação de grupos de

*Doutoranda em História Social pela UFC – Universidade Federal do Ceará; Professora do IFPB – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, *campus* Cajazeiras; Bolsista CAPES-REUNI.

¹ Ao *Terra Livre* dedico a Segunda Parte de meu texto dissertativo. Aspectos descritivos, a abordagem do jornal como fonte e documento na pesquisa histórica estão anotados na dissertação defendida em dezembro de 2005, Fortaleza-UFC: Campo e Palavras. Dimensões da Questão Agrária no Ceará, 1954-1964.

leitores-escutadores, e promoção de concursos de ampliação do público do jornal. Ao que passamos a seguir.

***Terra Livre* na memória militante**

Participam desta narrativa as memórias de alguns militantes comunistas nas lutas camponesas, nas décadas de 1950 e 1960. É interessante notar, como, em histórias de vida ou em relatos de camponeses que acompanham a luta através dos sindicatos, associações, assembléias, ou de conversas de pé de balcão das vendas, em cancelas ou sombras de árvores onde se distribui-vende o *Terra Livre*, o desejo de saber, de compreender, de aprender é grande.

João Pedro Teixeira

Na vida de camponês e operário de Pedro Teixeira², é possível observar as marcas do aprendizado político, mediado pelo contato com leituras individuais e coletivas, no dizer de Malaquias Batista: “João Pedro foi um aluno da vida, um autodidata das vicissitudes. Aprendeu pelos caminhos que andou. Pelos sindicatos operários, pelas lições que lhe ia ensinando a unidade operária” (JULIÃO, 1969: 199). Vai, então, aprendendo e ensinando, através da Bíblia ou de folhetos e periódicos comunistas, permitindo-se, assim, a troca de experiências e adesão a uma causa.

Entre as experiências vividas por João Pedro, merece destaque a leitura e venda de periódico descrito por Elizabeth como um “jornal operário”, “A Voz do Povo”.

Em narrativa de dor e ausência, Elizabeth se refere, ao período de 1958 a 1962, como de “luta muito dura”. Episódio, na renúncia de Jânio Quadros, em 1961, traz expressivas lembranças, entre as quais a do jornal *Terra Livre*, que, segundo ela, é uma espécie de prova requerida pela arbitrariedade policial para levar João Pedro à prisão (BANDEIRA, MIELE, GODOY, 1997: 48-50):

² Líder camponês da Paraíba, fundador da Liga de Sapé, assassinado pelas forças repressivas.

Na renúncia de Jânio Quadros nossa casa foi cercada pelo Exército. Quando abrimos a porta, o exercito invadiu, armados de metralhadoras, revirando tudo, até jornal velho eles encontraram. Era o 'Terra Livre'. – 'Ah! Aqui tem jornal comunista'. Eles juntaram aqueles jornais e levaram João Pedro preso. Eu olhei pra eles e disse: – Isso é por falta de papel higiênico, é? Eles deram a moléstia comigo. (BANDEIRA, MIELE, GODOY, 1997: 55)

Nestes termos, há relação com a leitura e compreensão de João Pedro quanto a sua responsabilidade, quanto ao entendimento de que a luta por terra também significa luta por liberdade, por escola, saúde e educação. De tudo, não se podem abstrair as cenas de violência: a família perseguida, desestruturada; os filhos desamparados, sem cartilhas; os companheiros desiludidos, desalentados. Cenas de violência contra camponeses por parte dos capangas que investem contra a vida de João Pedro, ou antes, quando alcançado pelo braço armado do Estado.

Em João Pedro Teixeira, João Rodrigues Rino e Roque Pedroso, destacam-se as perseguições e prejuízos físicos e morais a que estão expostos os agentes (vendedores-difusores) do jornal, bem como de quaisquer publicações ligadas aos movimentos sociais.

Na verdade, o primeiro exemplo de violência contra agentes de *Terra Livre*, pode ser visto em carta enviada à direção do jornal em 1954, em que denúncia de José Francisco informa que um agente de *Terra Livre*, Carlos Alexandre, servindo ao jornal, em Flórida Paulista, está preso, há mais de um ano, “ilegalmente”, na cidade de Valparaíso. O caso chama atenção por estar ele adoentado, com tuberculose e “falta de memória”. É o primeiro ato de injustiça e atentado à liberdade de agentes de *Terra Livre*.

João Rodrigues Rino

Em Maringá, também existe arbitrariedade, que confirma o emprego da força privada e da violência do Estado contra os camponeses de Norte a Sul do país. Notícia veiculada por *Terra Livre* busca fazer justiça ao “campeão de vendas do TERRA LIVRE durante o ano de 1962”. Aqui se reproduz a matéria que sob o título: “Continua preso incomunicável o jornalista Rodrigues Rino”, com subtítulos: “delegado nazista

cumprir ordens do juiz reacionário – violento desrespeito às liberdades democráticas e à livre circulação de jornais e revistas – justiça burguesa nega decidir quanto ao ‘habeas corpus’ em favor de um homem preso arbitrariamente”:

Maringá, Paraná (do correspondente) – Continua preso em Maringá o jornalista João Rodrigues Rino que, segundo a ‘Justiça’ local, cometeu o ‘crime’ de vender as publicações ‘Última Hora’, ‘Novos Rumos’, ‘TERRA LIVRE’ e ‘Problemas da Paz e do Socialismo’. Há muito o conhecido jornalista Rino vinha sofrendo perseguições violentas por parte da polícia, tendo sido antes preso (há cerca de um mês), pelo 1º suplente do delegado regional de Maringá. Já por si, essa primeira prisão foi um flagrante atentado às liberdades democráticas, particularmente à livre circulação de jornais e revistas. Desta vez, Rino conseguiu a liberdade através de ‘habeas corpus’.

PROCESSO FARSA

Agora, apesar de nada existir que comprove as acusações feitas pelo delegado de Maringá contra Rino, o jornalista continua preso como ‘perigoso agente da subversão da ordem’. O Juiz não quer decidir quanto ao ‘habeas corpus’ impetrado em favor de Rino, e o delegado jagunço se recusa até mesmo a informar onde se encontra a sua vítima.

João Rodrigues Rino vem sofrendo perseguições mais violentas a partir da fundação na cidade, pelo clero católico a serviço da reação e do escravismo, de um jornal que utiliza suas colunas contra o interesse do povo, contra a Reforma Agrária e em benefício de uns poucos latifundiários e burgueses que lucram mais com a miséria nos campos e nas cidades.

Terra Livre, em defesa de um dos maiores divulgadores, ataca outro jornal, provavelmente, disputando leitores da cidade de Maringá, reconhecida pelos grandes e graves conflitos, entre camponeses e latifundiários, e pelos atritos com o clero local, de orientação contrária aos interesses dos trabalhadores.

A mesma matéria, “Continua preso incomunicável o jornalista Rodrigues Rino”, editada em *Terra Livre*, em dezembro de 1962, p. 8, exhibe a foto de Rino cercado por camponeses e legenda que enfoca novamente (entre aspas) o termo *Justiça*, questionando o tipo de (in)justiça praticada, que trata a venda de jornais como crime.

Ao centro, cercado pela multidão, o jornalista João Rodrigues Rino, campeão de vendas de TERRA LIVRE no ano de 1962. Rino está encarcerado pelo ‘crime’ de vender ‘Última Hora’, ‘Novos Rumos’, ‘TERRA LIVRE’ e a revista política ‘Problemas da Paz e do

Socialismo'. Mesmo como chefe de família, a 'justiça' não o deixa trabalhar ... Este é o regime que os donos de terra e os lacaios do imperialismo norte-americano defendem. Chamam de 'democracia' e 'liberdade'.

Roque Pedroso

O caso de Rino acontece em 1962. Com Roque Pedroso, agente de *Terra Livre*, em São Paulo, tem-se situação, de início, semelhante à de Rino, não fosse, em 1964, a Lei de Imprensa e um mandado de segurança preventivo, emitido pelo Juiz Silvio Lemmi, contra o delegado do DOPS de São Paulo, que garante a circulação e venda de *Terra Livre* no estado.

Um “capanga” da lei tenta seqüestrar os exemplares de *Terra Livre*, em posse de Roque Pedroso, não o conseguindo, intima-o à delegacia, na cidade de Ipaçu, São Paulo. O agente de *Terra Livre*, segundo notícia do próprio jornal, intitulada “Camponês em Ipaçu fêz delegado engolir ameaça a TERRA LIVRE”, editada no nº 131, de fevereiro de 1964, à página 5, faz com que o delegado seja obrigado a recuar, e desistir da tentativa de enquadrá-lo, posto que Roque, na ofensiva, esclarece a lei existente, que lhe permite mover ação contra o ato policial. “Mais uma vez, um seu cão-de-fila [polícia de Adhemar de Barros - governo de São Paulo] é obrigado a recuar, diante do esclarecimento e do desembaraço do homem simples do campo”.

Interessante notar que a notícia sobre Roque Pedroso não cita publicações outras, além de *Terra Livre*. Entretanto o título de outras publicações, como *Última Hora*, *Novos Rumos* e *Problemas da Paz*, está presente quando o assunto é prisão de agentes e militantes comunistas. Outros títulos do projeto editorial dos comunistas podem ser localizados nesse período, como: *Imprensa Popular*, *Hoje*, *Notícias de Hoje*, *Voz Operária* e *A Liga*.

A maior parte dos militantes presos com material impresso em seu poder (recolhido pela repressão em suas casas, locais de trabalho ou sindicatos), narram, nas memórias, o contato com mais de um título da imprensa comunista, por exemplo, o caso do líder comunista Gregório Bezerra.

Gregório Bezerra

As memórias de Gregório Bezerra, comunista, deputado pelo PCB, preso e torturado, exilado em 1969, no seqüestro do embaixador americano, ressaltam passagens que identificam a imprensa comunista não apenas como estratégica para a divulgação dos ideais e da luta de classes, mas como base de apoio militante, que, como Gregório, se desloca nas áreas de concentração rural, em trabalho conclamatório, ou em áreas urbanas, em trabalho político com operários, ou mesmo fugindo da repressão.

Além disso, para Gregório Bezerra, a imprensa tem múltiplas facetas. Ao fugir do latifúndio, seu primeiro trabalho é vender jornal. Como deputado e militante, é alvo constante da grande imprensa, mantendo com ela diferentes relações, sabendo aproveitar de sua grande circulação, em determinados momentos, ou sendo insultado, acusado injustamente e sem direito à defesa.

Assim, as redações d'*O Popular* (MG), *Imprensa Popular* (RJ) e *Folha do Povo* (PE) são visitadas por Gregório. A Revista *Problemas*, os jornais *Voz Operária*, *Última Hora* e *Novos Rumos* são citados. *O Democrata* (CE) é visitado, em sua estadia em Fortaleza, no ano de eleição municipal, em que o PCB elege oito vereadores. Por fim, referências ao jornal *Frente Popular* (GO), organizado por Gregório e por Declieux Crispim (futuro diretor de *Terra Livre*), na cidade de Anápolis, são demonstrativas da presença de Gregório Bezerra, na imprensa de orientação comunista.

As memórias de Gregório Bezerra são narrativas de suas atividades, no norte do Paraná, onde, faz agitação e propaganda, pelas publicações *Novos Rumos* e *Terra Livre*, que leva para uma assembléia com mais de cem camponeses, em Cascavel: A massa ficou entusiasmada com 'Terra Livre'. Todos queriam o jornal, apesar de mais de 80% serem analfabetos. Sugeri que os que não soubessem ler se agrupassem em torno de um posseiro que pudesse ler em voz alta (BEZERRA, 1980: 123).

José Rodrigues dos Santos

Outro líder sindical, nas décadas de 1950 e 1960, fundador da CONTAG, militante do PCB e caixeiro viajante - ajuda a entrever o cotidiano dos trabalhadores

rurais do Paraná. José Rodrigues dos Santos apresenta, em suas memórias, o lugar da imprensa em sua atuação militante (TONELLA,1999).

As idas e vindas de José Rodrigues pelo interior paranaense vendendo doces, panos, roupas, linhas, agulhas e “outras bugigangas”, reproduzindo fotografias, serve também para distribuir boletins e conchamar o trabalhador à luta pelos direitos. Ele explica, pormenorizadamente, como se aproximava dos trabalhadores, entre uma “correntinha” de ouro e outra (TONELLA,1999: 37):

Eu chegava, conversava com o pessoal e perguntava se todo mundo sabia ler, se tinha religião. Em seguida, perguntava se já tinha ouvido falar do jornal Terra Livre, jornal do trabalhador, e Classe Operária, jornal dos operários. Depois explicava para o marido que o patrão não podia ver o boletim, nem o capataz, e muito menos os dedos-duros, a pior raça.

José Rodrigues, como outros agentes, narra situação de prisão, por quatro dias, após tentativa de aproximação com camponeses, recebe acusação de “agitação nas fazendas”. Em mãos, exemplares da imprensa militante:

Estava com a pasta cheia de jornais Terra Livre e Momento, que era editado em Londrina pelo Partido e orientado pelo João Saldanha. Seis elementos me cercaram e, quando vi que me queriam pegar à unha, tentei colocar a mão na garrucha. Um ‘cara’ me deu uma paulada na cabeça e tomou a garrucha. Esguichava sangue da minha cabeça e os ‘caras’ ficaram espantados (TONELLA,1999: 53).

Outro exemplo, da violência a que estão expostos os agentes comunistas, na ação militante camponesa.

Em outro trecho de memórias, José Rodrigues volta a citar o *Terra Livre*, e acrescenta outros títulos de periódicos locais e de circulação nacional do Partido Comunista, aos quais tem acesso:

Em Londrina, circulavam vários jornais do Partido. Um era o Momento, editado na mesma cidade, 3 vezes por semana. Este veio substituir a Tribuna da Imprensa, que também tinha sido de circulação local.

O outro jornal que o pessoal lia muito era a Tribuna do Povo, editado semanalmente em Curitiba. Além dessas publicações, nós recebíamos o Terra Livre, a Voz Operária, o Notícias de Hoje, que depois passou a ser Novos Rumos.

Jornais nunca faltavam. Vinham pilhas deles. É claro que não podiam ficar guardados. Então, havia aquela distribuição de jornais. Junto com meus cunhados, saíamos para aquelas vilas de Londrina, descíamos para as fazendas, distribuindo. Fizemos um trabalho de esclarecimento muito longo na região. (TONELLA,1999: 56)

Vicente Pompeu da Silva

Vicente Pompeu da Silva traz *Terra Livre* como lugar de trabalho e aprendizado, das primeiras leituras após a alfabetização, a muito custo, alcançada em idade adulta, e a ocupação de Presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Iguatu (primeiro sindicato fundado no Ceará). Fala com seu jeito direto e simples que aquele “era um jornal velho, que não funciona mais”.

Acrescenta, depois, as tarefas para as quais é designado, entre elas, a de distribuição do jornal:

Os documentos que me davam pra mim ler, e eu distribuía no Rio Grande do Norte, em Natal. Eu distribuía em São Luiz do Maranhão, eu distribuía em Teresina, Piauí, eu distribuía em Campina Grande e João Pessoa, Paraíba. Eu distribuía em feira de Santana, meu itinerário, meu rodízio era isso aí. Quando passava seis meses ia de novo.³

Quanto aos articulistas do jornal, refere-se a José Leandro Bezerra da Costa, destacado divulgador do jornal, no Ceará, e principal presença do Ceará no noticiário de *Terra Livre*. Vicente Pompeu afirma ainda, outra característica do jornal: “Os comunistas que escreviam o jornal, eu não conheço nenhum. Porque quem escrevia alguma coisa para o jornal era o Zé Leandro, no Ceará. E outros que escreviam eu não sei, não vinha o nome de escritor nem coisa nenhuma.”

Lyndolpho Silva

Correspondente de *Terra Livre*, Lyndolpho Silva afirma: “[Eu] escrevia para o *Terra Livre* e gozava de algum prestígio no movimento sindical rural. (...) Gozava

³ Entrevista com o Sr. Vicente Pompeu da Silva, concedida à autora e à professora Adelaide Gonçalves em 14 e 17 de junho de 2003. Fortaleza – CE.

também de um certo prestígio no movimento sindical internacional...”. (SILVA, 1994: 76).

Esse militante e dirigente do Partido Comunista, no Rio de Janeiro, tem presença na história dos movimentos sociais. Na década de 1950, participa da fundação e da direção da ULTAB - União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil; chega a presidente da CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores Agrícolas do Brasil, até o golpe militar.

Assim, como outros militantes encarregados dos contatos diretos com os camponeses, esse comunista se refere às artimanhas de contato com a base camponesa, principalmente, no papel de vendedor e mascate: “Entrávamos com um badulaque, vendendo linha, agulha e ficávamos como vendedores até escurecer, e então parávamos na casa de algum deles”. (SILVA, 1994: 84).

Em observação aos militantes e divulgadores do *Terra Livre*, percebe-se o desenvolvimento de atividade ‘profissional’ paralela ou intermediária, entre a militância e sua subsistência, ou a necessidade de ‘fachada’ para facilitar o contato com os camponeses. Desta forma, estabelecem-se espaços de interação, o mais comum, o de vendedor, mascate, tarefa que Vicente Pompeu exerce:

Se eu não tivesse trabalhando na terra, eu saia vendendo: tarrafinha pra cabelo de mulher, esmalte pras unhas, unha artificial, sabonete ... como já tive vendendo, pra andar nas casas eu saia vendendo isso. Pra conversar com as pessoas eu tive que arranjar um meio pra conversar com eles; a associação é assim...

Todavia, não apenas mascatear permite interação com o trabalhador rural. Vicente Pompeu conta, ainda em entrevista, da atividade que requer certo conhecimento no trato com as ervas, que ajuda na aproximação, além de manter determinados vínculos facilitadores da divulgação, pela palavra escrita e falada, de atos da luta camponesa:

... eu saia pra conversar. Palestrava e ensinava os matuto. Companheiro, você é do mato? Ah, sou! Você conhece carnaúba fême, carnaúba macho? Não conheço não. Aquela que enrola a direita, é macho. A que enrola a esquerda, é fême. Então disso aqui, você tira o remédio; é mesmo? E você fica bom. No dia em que você tiver doente, ou sua esposa que tiver com um tipo de inflamação, qualquer coisa, coceira, dor de barriga, dor de cabeça, faz o remédio. Ele falava, de que é o remédio? Você pega carnaúba, tatajuba,

mandacaru, raiz de melão, laranjeira, quebra-faca, arapiraca, burra leiteira, raspa de aroeira, casca de piqui, mufumbo e a cabacinha, que é muito amargosa, venenosa e a vizinha do jatobazeiro, raiz de coqueiro, açoita cavão, esporão de João, João-mole, pereiro, cura congestão e reumatismo, e mal do coração, cegueiras e até batedeiras, dor de barriga, curuba e bexiga, sarampo e papeira. Toma uma tigela de manhã bem cedo e não tem medo, que não tem cautela. No começo dela, terá um sinal, um suor geral com grande murrinha, mas é meidiinha que lhe entra o mal, quando você morre já está melhor, porque todo mundo pra morrer, melhora primeiro, pensando que vai escapar.

Enlaçando as memórias

Enfim, observando a estrutura de *Terra Livre*, sua difusão, a participação e interação dos camponeses com a folha militante, percebe-se seu significado nas lutas camponesas, nas décadas de 1950 e 1960, para além, o jornal é parte da construção dessas lutas, pela divulgação e debate das práticas de unidade, ação política e afincamento na difusão de todos os aspectos da imprensa militante.

Terra Livre é de destaque pelo grau de alargamento do espaço geográfico das lutas específicas e gerais, mais que isso, por suas colunas, almanaques, charges e cartas, além das notícias e artigos, na construção e forma de ver o mundo. *Terra Livre* colabora no sentido da construção da classe camponesa, em oposição aos latifundiários, tatuíras e usineiros, e, nesse sentido, ajuda a instituir o lugar político, na perspectiva da luta camponesa contra o latifúndio.

Como possibilidade de expressão da cultura camponesa, apreende-se, de suas páginas, a apropriação e reapropriação dos camponeses, pela poesia, contos, causos, e utilização do jornal, elo entre norte e sul; entre letrados ou não.

Instaurado o regime militar, a repressão marca o fim da circulação de *Terra Livre*, em março de 1964. Se se tomar por base que os impressos: poesia, trovas e versos, são expressão da cultura camponesa das décadas de 1950 e 1960, podemos localizar a “resistência” citada por Ecléa Bosi, em contraposição aos atentados sofridos, pois o que parece à primeira vista é que:

não há memória para aqueles a quem nada pertence. Tudo o que se trabalhou, criou, lutou, a crônica da família ou do indivíduo vão cair

no anonimato ao fim de seu percurso errante. A violência que separou suas articulações, desconjuntou seus esforços, esbofeteou sua esperança, espoliou também a lembrança de seus feitos. (BOSI, 1986: 23)

Entre outras fontes, a palavra militante, nas páginas de *Terra Livre*, possibilita a análise das dimensões da luta camponesa, nas décadas de 1950 e 1960. Esperanças encarceradas e vidas assassinadas, esse é o desmonte da ditadura militar em 1964; depois, ainda assim, a memória dos camponeses e a ‘lembrança de seus feitos’ podem ser discutidas em lembranças, fotos e pela imprensa militante. Isso é um pouco do que se realiza com o debate de *Terra Livre*.

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Lourdes, MIELE, Neide, GODOY, Rosa (orgs.). *Eu marcharei na tua luta!* A vida de Elizabeth Teixeira. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997, pp. 48-50.

BATISTA, Malaquias. Sem terra e sem país. In: JULIÃO, Francisco (editor). *Jornal A Liga. Ligas Camponesas outubro 1962 – abril de 1964*. México: CIDOC, 1969.

BEZERRA, Gregório. *Memórias – segunda parte 1946-1969*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA, Lyndolpho. A construção da rede sindical rural no Brasil pré-1964. *Estudos, Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro, nº 2, junho de 1994. Entrevista concedida a Luiz Flávio Carvalho Costa, em 2 de abril de 1990.

SOUZA, Enilce Lima Cavalcante de. *Campo e Palavras. Dimensões da Questão Agrária no Ceará, 1954-1964*. Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2005.

TONELLA, Celene et al. *As memórias do sindicalista José Rodríguez dos Santos. As lutas dos trabalhadores rurais do Paraná*. Maringá: EDUEM, 1999.